

Director: MANUEL DA SILVA CAMPOS  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL  
DO TRABALHO  
Adereço à Associação Internacional  
dos Trabalhadores  
Resistência: incluindo o Suplemento semanal,  
Lisboa, 950; Provença, 3 meses 25.500;  
Africa Portuguesa, 6 meses 70.000; Estrangeiro,  
6 meses 110.000.

# A BATALHA

Redacção, Administração e Tipografia  
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar  
LISBOA—PORTUGAL  
TELEFONE 5339 CENTRAL  
Cedência de Impressão e Estereotipia  
RUA DA ATALAIA, 114 e 115  
Este jornal não se publica às segundas-fei-  
ras.—Não se devolvem os originais.—Dos arti-  
gos publicados são responsáveis os seus autores

TERÇA-FEIRA, 24 DE FEVEREIRO DE 1925 DIÁRIO DA MANHÃ PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 1917

## Como eles deturpam a doutrina sindicalista

Antigamente, quando alguém praticava um acto violento, era costume, principalmente, por parte da imprensa burguesa, dizer-se que se tratava dum atentado anarquista. E não se pensava em distinguir e comparar os actos vulgares do crime comum, com os actos violentos praticados realmente pelos anarquistas.

O plano era exactamente esse: estabelecer a confusão para que os anarquistas fossem apenas considerados bandidos da pior espécie. No entanto, quando aparecia um Rava-chol, lançando uma bomba, mas fazendo-o com um intuito social; ou quando Pini defendia o próprio roubo como um direito contra o capitalismo explodidor, os actos praticados por esses homens, não lhes aproveitavam a eles, pessoalmente, e eram feitos a favor da propaganda libertária, para quem revertiam os produtos desta expropriação em ponto pequeno. Mas é bom dizer que já então se considerava perigo para os próprios princípios que se pudesse supor que os anarquistas não passavam de ratoneiros vulgares e sempre se condenou o roubo feito no exclusivo interesse de quem o praticasse.

Tudo isso acabou, sem que continuasse, durante largos anos, a imprensa burguesa a atribuir a anarquistas todos os roubos e crimes, mistérios de que não aparecia logo o seu autor, ou indigitado autor. Hoje, porém, são os sindicalistas que têm de suportar esta capciosa forma de desvirtuar a sua doutrina, que os burgueses empregam contra o sindicalismo. Qualquer acto irregular, praticado por um operário, vem logo como tendo sido praticado por um sindicalista. Um monárquico, um republicano, podem praticar vários crimes, que a imprensa vez nenhuma faz referência à sua fé política. Mas, tratando-se dum operário sindicalista, logo vem indicada a sua qualidade de sindicalista.

Da mesma forma, quando se dão assaltos a estabelecimentos, roubos cujos autores são desconhecidos e outras infâmias e patifarias, logo a imprensa burguesa acode a atribuir tudo isso aos sindicalistas. Não podemos deixar de protestar contra o facto. O sindicalismo nada tem que ver com os actos individuais que são a mais completa e absoluta negação do espírito e da doutrina sindicalista.

O sindicalismo aspira a obter para o operariado um maior bem estar, mas que lhe resulte, exclusivamente do seu trabalho honesto e não de qualquer roubo vulgar. Todo o sindicalista aspira a uma sociedade mais bem organizada, em que todos os que o podem fazer trabalhem, e, pelo trabalho, consigam a sua subsistência. Exactamente o seu grande valor moral no ataque que os sindicalistas fazem à burguesia, é reclamar que só tenha direito à vida quem trabalha. Como, pois, atribuir-lhes o desejo e a aspiração de viver sem trabalhar e à custa do trabalho dos outros, apoderando-se dos valores que outros produziram?

Não haja confusões. Por mais que nós defendamos o princípio da expropriação das riquezas, nunca o fazemos, tendo em mira o apropriarmos-nos para nosso proveito pessoal e exclusivo, dos vários valores sociais. Se o fizermos no dia da grande revolução, fá-lo hamos exactamente em nome da liberdade do trabalho, respeitando os meios de produção, exactamente para ficarmos em melhores condições para trabalhar, e ser úteis, socialmente.

## A luta contra a baixa de salários

Rebentou recentemente em Fall River, Mass, uma greve na indústria têxtil, que começou primeiro na fábrica Davis contra uma tentativa de redução de 10% nos salários, e se estendeu depois às fábricas de granito, Barnard e Lincoln.

Os grevistas protestaram contra essa redução, reclamando que lhe reduzam o número de teares, que atendem, passando estes de oito para seis.

## A BATALHA

Não se publicando amanhã os diários de Lisboa e não aparecendo, por esse motivo, os vendedores a retirar o jornal para venda nas ruas, «A Batalha» é forçada a não publicar-se também amanhã.

## Os trabalhadores de todo o país devem opôr a mais constante e enérgica propaganda aos maneios conservadores das forças económicas

Todos os dias as tais forças económicas mandam dizer, no seu órgão jornalístico, que não têm a pretensão de dominar politicamente, que não são inimigas dos trabalhadores e que não conspiram contra a liberdade.

Verifica-se, porém, que ao mesmo tempo que tal mandam publicar, continuam a organizar-se eleitoralmente, não deixando de fazer a sua intriga no campo militar para ver se conseguem colocar, de vez, o exército ao lado dos exploradores do povo.

Estará o exército resolvido a dar um passo tão grave, como é esse de fazer um movimento das direitas, que é como quem diz um movimento a favor dos ricos, dos especuladores, contra o povo explorado? Não o sabemos. O que podemos garantir é que a maioria da gente das forças económicas, da tal que entende que a polícia e a guarda foram organizadas para manter uma ordem que lhes garanta a impunidade enquanto eles nos arrancam a pele, essa gente veria, com o maior entusiasmo, esse movimento de força.

E não resta dúvida que, em face do seu movimento político, as classes trabalhadoras não podem descurar um só momento. E' precisamente para o alastrar desse movimento dos nossos adversários por diversas terras do país, que nós queremos chamar a atenção urgente de todos os trabalhadores. Não nos pode ser simpática, nem indiferente a propaganda que, em constantes tournées, os homens das «forças vivas» andam, afanosamente, fazendo por toda a parte.

Que devemos fazer?—Preguntam-nos alguns organismos e camaradas, dessas terras ameaçadas pelo apostolado dos mártires Pereira da Rosa, Carlos de Oliveira e Alfredo Ferreira—essas pobres vítimas da sociedade.

Devem os nossos camaradas, todos os trabalhadores, todos os con-

sumidores, não perder de vista os elementos das forças económicas das diversas localidades do país, e procurar estar, bem ao facto, das reuniões ou comícios que estes realizam, com ou sem os célebres oradores da associação comercial. E, no dia e hora desses comícios, os trabalhadores, em nome dos seus interesses, como principais agentes da riqueza pública, que outros disfrutam apresentem-se nos locais respectivos para ouvirem e aí mesmo oporem os seus protestos, replicar dos comentários aos paladinos das «forças vivas».

Vamos ouvi-los aos seus comícios, às suas reuniões, e aí mesmo interroguemos esses bons patriotas, sobre a razão da sua riqueza, acerca dos motivos das nossas necessidades, e, sobre tudo, procuremos saber quando é que essas candidatas almas resolvem baixar os preços a todo o custo da vida.

Se, como é costume, os comícios e as reuniões forem só para convidados, então os nossos camaradas, entendidos com todos os consumidores, promoverão, também, comícios, reuniões à mesma hora e na mesma terra e local, e aí explicarão ao povo a benemerita cruzada desses mártires das forças económicas, que pretendem assentar arraial no parlamento, para nos explorarem mais directamente.

Claro que não somos partidários de violências, não as recomendamos, não as podemos recomendar. Ao operariado, para esmagar a audácia dos seus exploradores, basta-lhe a maioria, a grande maioria do número. Basta-lhe, sobre tudo, a sua enorme, a sua formidável razão moral.

O que não podemos é cruzar os braços ante essa horda que tudo pretende dominar. Que o povo, em massa, acorra aos comícios e às reuniões das classes económicas, para estas se convencem de que a canalha, por enquanto, ainda não morreu!

## As entrevistas que se não fazem e as opiniões que se não dizem

O que nos declarariam, nesta quadra do ano, dois reacçãoários muito conhecidos...

Diz-se que o carnaval serve para se arrancar a máscara que cada um traz todo o ano afevelada. Banalidade!—resumir a vida, desconfiado que a frase que acima deixamos escrita, grite à evidência que nós nada temos que escrever nem que dizer. Puro engano! Temos que dizer aquilo que possivelmente alguns nos diriam se lho tivéssemos perguntado e prometido que não o reproduziríamos.

Imagine o leitor que encontrávamos o sr. Alfredo Pimenta, cansado de imaginar máscaras loiras e elegantes e bonitas que o recebessem e o acariciassem como um prodígio, como as aristocratas vieneses acariciavam Mozart. E, que dando-lhe uma palmadinha amavel no ombro, lhe perguntávamos se gostava muito de ser monárquico... Talvez que ele nos voltasse, aborrecido:

—Eu já fui anarquista. Copiei os doutrinários da ideia mas depois para ganhar a minha vida tornei-me republicano. Você compreende, já não tinha nada que copiar... Depois fiz-me republicano do jornal do António José de Almeida... Depois lembrei-me que podia vir a ser monárquico. Você está a ver, dava sensação, marquezas, chás, elegancias, luvas amarelas... Afinal fiquei sem marquezas, sem elegancias, sem chás... Tenho apenas isto—e aponta neurasténizado para um par de luvas amarelas, sujas e amassadas.

—E você sente-se bem em ser monárquico?

—Eu? Eu nunca compreendi, nem senti ideias. Li-as e decorei-as. São «coisas» que vem nos livros e que se podem reter na memória. Eu nunca fui senão «eu».

—E quem é você?

—Não sei. Disseram aqui há tempos quando eu imitava o Oscar Wilde que eu era o último insulto dirigido à memória do grande e iconoclasta escritor inglês. Serei eu um insulto?

O sr. Fernando de Sousa Nemo é inabordable para um redactor da Batalha. Mas no Carnaval será também inabordable? Imaginemos, que não era e aceitemos que ele de boa vontade nos teria falado assim, se nós o tivéssemos convidado, prometendo nada reproduzir:

—Eu sou católico, não há dúvida, mas um católico militante. Sabe o que é um católico militante?

Fingimos ignorar. A nossa simulação deu

logo esta definição, por parte do sr. Nemo: —Católico militante é aquele que pretende convencer os outros a acreditar numa religião que ele já não sente com fervor. A igreja é um espectáculo, que como todos os espectáculos perde o interesse, o encanto, a beleza visto dos bastidores. A religião é uma peça—e não há peça que entusiasme um ensaiador! Deus só encanta os fieis. Agora os padres... Como é que um pobre dum padre dizendo missa todos os dias, falando em Deus todos os dias, pode gostar de missas e gostar do Senhor? Ao fim de alguns anos, ele já está também aborrecido e de boa vontade mandaria a missa, Deus os fieis e a igreja—para o diabo. O que vale é o habito e o homem ser um animal de habito. —Sabe o que eu gostarei de ser?

Fingimos, outra vez ignorância, a simulação surtiu novamente efeito, provocando como provocou estas palavras de Nemo. —Gostaria de ser um crente.

—Então a excomunhão do Episcopado foi justa?

—Foi. Mas sabe quem deviam ser excomungados?

—Os mariolões das Novidades que são tão crentes como eu. E o Episcopado salvava-se porque Deus não existe, e a mim falta-me autoridade para o fazer. Ah! se eu pudesse, se eu pudesse...

Que pena o sr. Fernando de Sousa não poder...

O «esprove» do reporter.

## NO MÉXICO

### Sob o governo militarista-trabalhista

No México foi tuzilado pelas forças do exército federal, sob o comando do general Félix López, no cárcere de Naranja, o agrário Trinidad Calderon, sem ter sido submetido a qualquer julgamento.

Depois deste assassinato andaram procurando na povoação o presidente da Liga de Comunidades Agrárias do Estado, Primo Tápia, a quem não conseguiram apanhar.

As mesmas tropas, sob o olhar do general López, roubaram dos armazéns 3.068 hectolitros de milho, propriedade dos agrários, dos quais 2.000 já estavam vendidos.

Muitas casas foram saqueadas pelos soldados, que espantaram sem distinção todos os que protestaram ou se opuseram às suas tropelias.

O trabalho dos menores nos Estados Unidos

Tem-se feito ultimamente uma vigorosa campanha nos Estados Unidos a favor dum lei de protecção às crianças, mas parece que todo este trabalho será infructífero.

## «A Batalha» completou ontem seis anos de existência

Passou ontem o sexto aniversário de A Batalha. Eis um motivo de regosijo para o proletariado português. Lutando com as mais pesadas dificuldades, suportando as mais ferozes perseguições, vem A Batalha combatendo por uma sociedade melhor, criticando os defeitos do actual regime, fomentando a cultura do operário, preparando-o para, livre de tutelas ignominiosas, gerir os seus próprios interesses.

Reveste uma importância extraordinária no nosso meio social, o aniversário de A Batalha. Seis anos de luta contra o capitalismo, seis anos de defesa das mais caras aspirações do proletariado, representam um esforço formidável do proletariado. Por isso o ele deve felicitar-se e compreender que é capaz de muito mais: pôr em prática as ideias que o seu porta-voz na imprensa vem apreogando tenazmente.

## A ÚLTIMA MÁSCARA

Está quasi passada essa febre de delírio que envolveu a humanidade durante algumas horas. Já desponta a madrugada e os pares extenuados que rodopiam nos clubs, nos salões opulentos, nos teatros, sujos de poeira e de suor, começam preparando-se para sair.

Findou essa estopante alucinada, essa pantomima torpe em que os homens se insultam a si próprios, rindo... saltando gargalhadas estúpidas, fazendo rir os outros.

A sociedade está satisfeita. Insultou quem passava, ultrajou a jovem, a viúva, a orfã, o mendigo, ri-se de tudo de si mesma e pôde enfiar dar azo aos seus instintos bestiais.

Esmorecem os últimos ecos das risadas alvares, dos sarcasmos hediondos, das ironias aleivosas. Essa fúria grotesca que lhe custava dar todos os anos—ataques histéricos de mulher a quem impedem ir para o patamar insultar as vizinhas—desvanecese a pouco e pouco.

Findou o reino da Folia. Do céu cai uma chuva miudinha o que ainda torna mais sombrio e caricato o aspecto da cidade que se diverte.

Dos clubs e das tabernas, dos salões aristocráticos e das espelunhas, dos teatros e dos lupanares, começam saindo as primeiras máscaras...

Naquela desfiladeiro estranho e ridículo, notam-se traços de todas as eras e de todas as cores, ouve-se risos irónicos e ultrajantes, gargalhadas estúpidas e alcoolicas, um entreculhar de dentes macabro e funambulesco.

Passam marqueses, selvagens africanos, ciganas que não têm a «buena dicha», saem também alguns disfarçados em escravos e outros em tiranos.

Passam as primeiras máscaras nos seus trajes berrantes, apoiadas umas às outras, impotentes, «cancadas de riso e de luxúria».

A alguns metros de distância segue um grupo de homens mascarados, tocando uma música infernal, desarmónica, carnavalesca, imbecil...

Além passa uma figura grotesca e irrisória que parece montar a cavalo sobre uma mulher. Todos riem...

As ruas tornam a mergulhar no silêncio que há pouco as envolvia e o sol começa a despontar no horizonte. Virando aquela rua, passa um vulto, uma sombra que parece arrastar-se ao longo das paredes. O seu passo é incerto e o vulto pára de vez em quando como se tivesse feito longo percurso.

Depois, enquanto a luz dos lampiões estremece, fustigada pelo vento mordaz da alvorada, caminha devagarinho, arrastando os pés, encostando-se por vezes à parede que ele vai costando.

E ao poisar sob a luz pálida do candieiro, nota-se um rosto emagrecido e exausto, uma pele rugosa e amarelada. Não trás disfarce. São andrajos, farrapos, que formam a vestimenta que mal lhe cobre a carcaça miserável e ressequida.

Quem reparar bem, julgará ver qualquer coisa de brilhante deslizando-lhe pelas faces emagrecidas.

Os ecos das últimas gargalhadas desaparecem ao longe.

O miserável continua. No silêncio da noite ouviu-se um soluço.

E' a última máscara que passa.

M. C. D. L.

## Consequências das mentiras religiosas

Informam de Kabul que dois comerciantes afgãos, fazendo parte da Confraria Quadian, foram condenados à morte por apostasia. A sentença foi executada publicamente e de maneira bárbara: os condenados foram lapidados em presença do chefe da polícia afgã.

O fanatismo e a intolerância dos padres de todas as religiões perpetuam a sobrevivência da bestial ferocidade dos homens.

E' necessário destruir-se o espírito religioso, origem de crimes e de dores.

CONFERÊNCIAS Universidade Popular

O dr. sr. Sá Oliveira realiza amanhã, às 21 horas, na Universidade Popular Portuguesa, Rua Particular à Rua Almeida e Sousa, uma nova sessão de leitura. Serão lidos por estudantes dos dois sexos, vários trechos do Camões, de Garrett, cujo comentário será feito por aquele ilustre professor. Haverá projecções luminosas, sendo a entrada pública.

## O SINDICATO

O sindicato operário está hoje indubitavelmente reconhecido como um importante factor económico. E' para os operários, mau grado as suas naturais imperfeições, o órgão desse mundo novo que anelam fundar e é, também, a instituição que regula a produção e o consumo, substituindo assim as actuais instituições financeiras.

Porém, o problema social não se limita ao campo económico, visto que também nos preocupa os problemas morais. Só com novas mentalidades será possível a fundação duma sociedade nova. Além da sua acção económica, o sindicato operário tem de cumprir uma missão educativa e de levantamento moral, com o objectivo de preparar aos explorados um ambiente de liberdade formada pelo altruismo, pela ciência e pela razão.

Muitos operários supõem que o seu acto de fé deve ser o pagamento das cotas do seu Sindicato. Realmente, é o principal dever do sindicalista, sem que se deixe de cumprir os outros deveres. E' louvável ter as cotas em dia, mas mais louvável ainda é cumprir os deveres da consciência. Entendemos que a educação operária deve estimular o sindicalista a uma alta noção dos seus deveres.

E em que consiste essa educação? Vamos analisá-lo sem pruridos, fazendo ao operário uma exposição doutrinária acerca dos seus deveres e direitos.

## O sindicato deve cuidar da sua educação técnica

Tendo este critério, vários sindicatos operários fundaram e sustentam cursos profissionais em que o encargo de favorecer lisongeiramente o desenvolvimento técnico dos seus filiados e facilitar, assim, a sua colocação.

Houve a suposição, fortemente egoísta, de que estes cursos seriam um viveiro de capatazes e encarregados, e que estes, sendo sindicalizados, procurariam que o pessoal às suas ordens ingressasse totalmente no Sindicato, o qual ganharia, assim, grande vantagem.

Os factos, porém, evidenciam a falsa situação dos encarregados sindicados, que estão naturalmente obrigados a defender e zelar os interesses do patrão. Pensando assim, alguns operários chegaram a concluir, compenetrados, aliás, dum excelente espírito de classe, que a criação de escolas profissionais seria um contraproducente aos interesses do Sindicato operário.

Discordamos por justos motivos, dos que assim pensam.

E' evidente que na oficina aqueles que se destacam do exercício da profissão, os que possuem superior capacidade profissional, possuem uma noção mais elevada da sua dignidade pessoal. O bom técnico sabe que os riscos da paralisação são menores para si, porque o patrão procurará conservá-lo para satisfazer as exigências da clientela em último caso, desempregado, conseguirá colocação mais depressa do que o operário mediocre.

O contrário, o operário mediocre sofrerá passivamente todos os vexames. Sentindo a sua insuficiência técnica, poderá ser talvez um «amarelo» que barateia o seu trabalho, que atraiça os seus camaradas para conservar o lugar que sabe garantido pela tolerância do patrão e que sabe ser-lhe difícil arranjar nova colocação.

O operário bom técnico é, portanto, mais susceptível de se tornar um bom sindicalista. O brio profissional, que nele é mais forte, leva-o a fazer-se respeitar e não suporta que o tratem como burro de carga. Da consciência do seu valor profissional deduzirá para si uma maior consciência dos seus direitos.

Os sindicatos que mantêm cursos profissionais não fazem, pois, uma obra inútil, no terreno da luta de classes. Mas, ao mesmo tempo que cuidam da educação técnica, devem procurar atrair os jovens aprendizes para assistirem a esses cursos, deve o operário desenvolver no seu espírito os sentimentos de solidariedade, dando a conhecer-lhes os métodos de acção e os fins a que visa o sindicato operário, pontos estes que estão, infelizmente, abandonados pelos jovens.

## O sindicato deve cuidar da sua educação higienica

Na oficina procurará com os seus camaradas, que sejam cumpridos os preceitos da higiene, e que não se trabalhem horas extraordinárias, pois que as longas jornadas geram a anemia e a tuberculose. Abster-se há do alcool que aniquila as facultades, favorece o desenvolvimento das maiores enfermidades e coloca o homem ao nível intelectual da besta. Antes de sair da oficina procederá a uma minuciosa limpeza a todas as partes do corpo que no trabalho se tenham sujado, para o que reclamará do patrão a instalação indispensável para isso.

E' lamentável que se tenha de constatar a indiferença que os operários têm por este assunto. Há oficinas onde as máquinas de compôr são várias, e ainda há mais onde as prescrições legais relativas à higiene são desconhecidas em absoluto. Ali trabalha-se numa atmosfera viciada e nem sequer se pensa na renovação do ar para respirar. Esses operários julgam que são bons sindicalizados porque pagam regularmente as suas cotas e obrigam o patrão a respeitar a tarifa. A obtenção de um salário máximo parece ser o único esforço e não pensam que um dia, intoxicados, vítimas do saturnismo, os seus órgãos doentes e debilitados, os empurrarão para a sala dum hospital à espera do salto definitivo para a vala comum.

Sobre este ponto ainda há muito que fazer, ao mesmo tempo que o Sindicato se preocupa com o cumprimento da tarifa e indica um índice às casas que o cumprem, deve cuidar também, se quiser ser lógico, em que nas oficinas se cumpram os regulamentos de higiene.

No entanto é aos associados, que corresponde maior soma de labor. O Sindicato e portanto a sua comissão administrativa, apenas é o órgão executivo da vontade dos operários. E' pelo conjunto dos trabalhos individuais e persistentes que o sindicato se tornará cada vez mais forte até chegar a ser dono dos meios de produção e eliminar os parasitas sociais chamados patrões.

## OS DIREITOS E OS DEVERES DO SINDICADO

A iniciativa individual levada tenazmente à prática em todos os actos da vida operária e servindo de exemplo constante aos nossos camaradas, é o que melhor demonstra o cumprimento do dever do bom sindicalista. E' na oficina, na prática diária «sobre o terreno» onde melhor se forjam os bons militantes operários; não é só assistindo às assembleias e reuniões públicas, mas tratando de crescer mais ou menos correctamente, um artigo para apresentar ideias que muitos encontrarão justas e bem pensadas, mas que talvez, muitos poucos praticam.

## O bom sindicalista ganhará um salário suficiente

A história do movimento operário ensina-nos claramente que cada vez que uma categoria de trabalhadores conseguiu uma melhoria na sua capacidade económica, foi devido à união de todas as suas forças.

A qualidade de sindicalista é, portanto, para o operário, o melhor modo de impôr ao patrão as nossas reivindicações, não só porque este compreende que aquele não está só, mas também porque detrás dele em sua defesa, existe uma coletividade, que pode por meio da greve ou de outros processos, levar a perturbação ao seu negócio, diminuir os seus benefícios e em alguns casos, arrastá-lo à ruína.

Em compensação, para que o operário sindicalizado possa ganhar um salário suficiente, ver-se-há forçado, não de produzir máxima estabilidade, mas a super produção; suportar todas as injustiças e sofreres de inferioridade com respeito ao operário sindicalizado, porque não pode, como este, opôr o poder da solidariedade operária à insolência do dinheiro patronal.

Do espírito de solidariedade corporativa deve nascer, logicamente, entre os sindicatos, o «espírito de solidariedade de classe».

Quando o bom sindicalista veja que um dos seus companheiros é vítima de uma injustiça, deverá tomar a sua defesa se se trata dum caso justo. Na oficina os operários devem fazer o seu possível para que o patrão repare no sentimento de solidariedade dos seus operários, a fim de que possa calcular as consequências dessa solidariedade; no entanto, a discriminação dos operários evitará toda a qualquer demonstração fanfarrona e hostil que possa dar origem a qualquer resultado contraproducente.

Quando se vê um companheiro atrapalhado com a execução de um trabalho em lugar de o abandonar e criticar, deve-se-lhe facilitar-lhe uma colaboração inteligente e discreta, a fim de restabelecer entre os sindicalizados as relações de amizade e da camaradagem que sempre devem existir.

A consciência de classe de todo o bom sindicalista, ao desenvolver-se, unirá os seus esforços aos dos trabalhadores das outras indústrias que não tenham compreendido a necessidade de organização. A solidariedade converter-se-há então numa solidariedade inter-corporativa; despertar-se-há o desejo de conhecer as condições de trabalho dos operários da sua profissão nos outros países e nesse estudo aprenderá bastante.

Os conflitos que surgem no mundo inteiro entre exploradores e explorados, far-lhe-ão compreender que os trabalhadores, seja qual for a língua que falem, seja qual for o ponto do mundo onde nasceram e viverem, defendem os mesmos direitos e lutam pela mesma causa e então, afastando-se de toda e qualquer ficção a sua solidariedade tornar-se-há internacional. Por fim compreenderá que o sistema social é injusto e anti-natural; abrirá os olhos perante a miséria da imensa maioria em face da riqueza e do luxo insolente de alguns e perguntar-se-há, porque será que a missão de uns é aproveitar-se de todos sem produzir nada, enquanto que a dos outros é produzir tudo sem nada gozar; uma vez posto este problema, não se encontrará outra solução que não seja a de uma profunda transformação social.

E' este o ideal que, a nós, operários sindicalizados, nos compete ter sempre em frente para avançar ganhando terreno, apesar das feridas que recebemos na luta desigual que está travada; ideal que de dia em dia fortalecerá mais as nossas posições; ideal que, por ser eminentemente revolucionário, nos há de levar ao triunfo completo dos nossos anelos de paz e de justiça.

## Declarações do Gandhi japonês

O jornal «Westminster Gazette» publica uma entrevista do seu correspondente com Toyochiko Kagawa, que apresenta como o Gandhi do Japão. Toyochiko Kagawa declarou que o acto dos Estados Unidos, excluindo os japoneses, terá muito provavelmente por resultado modificar inteiramente o futuro do Japão.

A maioria dos japoneses, disse ele, consideram este acto como um insulto deliberado. O Japão vê os Estados Unidos sob a influência completa do capital, sustentado por sua vez pela Federação Americana do Trabalho. O mesmo personagem declarou que os Estados Unidos se vão transformar numa segunda Alemanha.

## Violências policiais

### Agredido e multado, depois injustificadamente preso

Sábado à noite, no restaurante «Flores», o agente Viegas, que se encontrava em duvidoso estado de lucidez e de firmeza, nos membros inferiores, prendeu sem motivo algum Felisberto Loureiro, o que indignou os presentes, levando-o para o posto do Teatro Nacional. Aqui foi o Loureiro agredido violentamente pelo civil 1054 Augusto Pinto, deixando-lhe a cara em lastimoso estado, como tivemos ocasião de verificar.

Depois de tudo isto ainda Felisberto Loureiro foi enviado ao tribunal dos pequenos delitos, onde o condenaram numa multa de 190500.

E' assim a nossa polícia.

Muitas para os agredidos, gratificações para os agressores.



## NA ALEMANHA OS ESCANDALOS POLITICOS

Presentemente desenrolam-se na Alemanha graves escândalos politico-financeiros. Quando em 1923 o marco foi desvalorizado e substituído pelo "renten"-marco, acabando a inflação, personalidades governamentais de comum acordo com grandes industriais empreenderam desonestas operações financeiras. O governo, a fim de auxiliar a indústria, concedeu a diferentes empresas grandes créditos.

Dois, entre os beneficiados destes grupos, se fazem particularmente notar: São Kustiker e Barmat. Estes dois indivíduos eram refugiados dos países limitrofes da Rússia. Chegaram a Alemanha no princípio da revolução, sem nenhuns recursos, mas souberam descobrir em breve o meio de se tornarem ricos. Declararam-se social-democratas, e puderam entrar em relações com os governos de então, que pertenciam também à social-democracia.

Barmat tinha sido membro do partido social-democrata da Holanda, e tratou de tirar disso partido. Por os seus escritórios da Holanda à disposição dos socialistas da Segunda Internacional, e fez-se amigo dos chefes socialistas de todos os países. Barmat serviu-se destas amizades para obter créditos do Estado pelos funcionários socialistas do governo. Foi assim que um ministro, membro do partido católico, lhe concedeu um crédito de quinze milhões de "renten"-marco. Constatou-se em seguida que a firma não estava na situação de poder restituir esta soma.

A firma mostrou-se reconhecida. Os "social-democratas", irmãos Barmat, davam "sofreses" e convidavam os altos funcionários social-democratas do Estado. O prefeito da policia de Berlim ofereceu ao seu amigo Barmat uma cigarreira. Agora estão presos os irmãos Barmat, e todo o partido social-democrata está comprometido no mais alto grau.

E às censuras dos comunistas os social-democratas replicam que os chefes do partido comunista, entre outros Koenen, fizeram negócios com Barmat. Koenen contesta, mas o seu desmentido é fraco!

Pela descoberta dos escândalos financeiros, nos quais as personalidades mais em vista do partido social-democrata estão comprometidas, os chefes republicanos alemães estão muito descredenciados. Os monárquicos servem-se destes escândalos para os seus fins, e em seu favor, atraíndo a atenção para a "corrupção republicana". Escusado será dizer que eles apresentam a monarquia como a forma ideal de estado, e pretendem que tais coisas não se passariam sob um regime monárquico.

A descoberta destes escândalos teve lugar, quando se estava em vias de se constituir o governo, e os monárquicos aproveitaram-se para formar um governo de elementos que lhes são dedicados. E agora a república é representada por antigos monárquicos. Não somente o partido social-democrata se tornou ridículo, mas descredenciou todo o movimento operário alemão.

### AS BOAS ATITUDES

## Um vibrante protesto contra o Carnaval feito por um grupo de estudantes anarquistas de Coimbra

Labareda se intitula um grupo de estudantes anarquistas de Coimbra. Devemos a esse grupo um nobre protesto contra este Carnaval de estúpidos e de boçais que ainda hoje se arrasta por essas ruas. Esse protesto consiste no desassombado manifesto:

"E' o Carnaval a festa dos histiões, a obscena e ridícula festa dos homens que só sabem folgar em momices, das mulheres que se escondem para se trocarem. Nascido das festas em honra de Saturno—o deus das comédias e de ladroes—e também das festas em honra de Baco—o deus dos ébrios—o Carnaval tem mantido, através dos séculos, as ignóbeis características daquelas festas da antiguidade pagã: costumes fáceis, velhacaria, cinismo e palhacice.

E é esse ainda o espectáculo de hoje. Quer se apresente envernizado, civilizado, em trajes limpos, quer se passeie em trapos e em siguidade, o Carnaval é esse período iludicativo da educação e da cultura dum povo, e dum povo, pois é então que o homem, sinceramente, diz do seu carácter e do seu sentimento e da sua inteligência. Tem liberdade de tudo fazer e de tudo dizer; de soltar as rédeas aos seus instintos presos pela hipocrisia dum ano de servidão a uma educação de preconceitos, a uma moral de convenções e de fórmulas, sem beleza e sem ideal; tem a liberdade de se mostrar tal qual é: insipido, trão e ridículo.

Mal vai para o ser humano o ter necessidade de se divertir assim, tão estupidamente. Quando um homem desce até à degradação repulente do bobo, se permite dar à fala a liberdade ascorosa do palavrão e do dito equivoco ou gentilmente perverso e malicioso; quando o ser humano se esquece da categoria moral que deve à sua situação no mundo animal, dos deveres que tem para consigo, para o melhoramento da sua inteligência e progresso da sua educação, da sua moral—deixa o homem de ser homem para ser porco, ser trambolho, ser polichinel sem graça, ser gracioso sem beleza; ser um misto de qualquer coisa que enoja e que causa dó!

Que todo o homem repita o Carnaval como divertimento improprio dum civilização que teima em se crer progressiva e perfeita; que todo o homem repita o Carnaval como tradição religiosa e imoral que se tem de combater pela evidente e perniciosos influencia que exerce na civilização e na moral dos povos, dessa moral e dessa civilização que tem na Anarquia o acume da perfeição, da equidade, da harmonia, da justiça e da beleza!

### NO APOLO

Foi dos mais animados espectáculos o que ontem se efectuou neste teatro com a encantadora revista "Mola Real". O publico viu a bom rir com as graças constantes das suas scenas, que estão em pleno sucesso.

Hoje, repete-se o mesmo espectáculo e certamente a concorrência não será menor do que ontem, em que durante toda a representação estruturaram clamorosos aplausos em toda a sala.

## O aniversário do nascimento de João de Deus

Uma interessante carta do poeta dirigida ao jornal socialista "Cruz do Operário"

No dia 8 do mês próximo passa o aniversário do nascimento de João de Deus, o poeta do lirismo simples e popular, o autor da "Cartilha maternal" que pelo seu valor mental, pelo carinho que revela pelas crianças, vale como um dos mais valiosos poemas da humanidade.

Natural de São Bartolomeu de Messines, vila encantadora enquadra na paisagem romântica do Algarve, João de Deus ainda é ali recordado com saudade e os seus ditos de espírito e as suas frases bondosas repetidas pelo povo que compreendeu ter no poeta um dos seus mais sinceros amigos.

O quinquenário "O Messinense" daquela vila, comemorando o aniversário do nascimento do inspirado poeta, vai publicar um número especial, colaborado por vários homens de letras.

E' para lamentar que na terra onde nasceu esse bondoso homem que à causa da educação popular dedicou o melhor do seu esforço, não exista uma escola decente, uma escola ampla, asseada, cercada de floridos canteiros, como ele sonhava, como ele ambicionava para prazer e educação da infância.

E' curioso lembrar, nesta data, que João de Deus, a pesar de profundamente cristão, e talvez por interpretar pela sua simplicidade e pureza as doutrinas cristãs, não era hostil ao socialismo que então Antero de Quental começara a revelar em Portugal.

Publicamos hoje uma interessantíssima carta que o autor do "Campo de Flores" dirigiu à redacção da "Cruz do Operário", jornal socialista que se publicava ao tempo.

Nessa carta, João de Deus, defendendo a religião católica, emprega termos que revelam um belo espírito de socialista, pela justiça e pela tolerância de que estão impregnados.

Eis a carta:

Sr. Redactor da "Cruz do Operário":—Acabo de ler o manifesto do candidato socialista e não acho ali uma palavra ofensiva, nem sequer relativa à religião; donde concluo que o socialismo não tem necessidade alguma de implicar com a religião, e que se pode ser socialista e católico, ou socialista e protestante, assim como também socialista e ateu.

Sempre me pareceu, na minha ignorância do que realmente se envolve nessa politica do socialismo, que não podia haver contradição entre ela e a religião cristã, embora tal ou qual partidário dessa nova politica insulte tudo quanto é sacerdote e insulte tudo quanto é religião.

Esses indivíduos não podem representar nenhum credo de politica reformadora, que há de ser necessariamente liberal e humana, e não é liberal nem humano injuriar ninguém pelas suas crenças, assim como não é liberal nem humano injuriar ninguém pelo seu amor filial, pelo seu desvelo maternal, pelas suas afeições, pelas suas convicções.

Na minha profunda incapacidade politica nunca tenho percebido a conveniência de multiplicar obstáculos, levantar inimigos, aumentar dificuldades, de propósito para embarcar a ideia que se quer realizar.

Nunca percebi a conveniência que tem o republicano de ofender os católicos, com-

bateando-os como inimigos, quando muitos católicos não teriam duvida em ser republicanos.

Nas obras do Arcebispo de Paris, assassinado por uns carrascos que não podem pertencer a partido nenhum, e a quem, por isso, não chamo comunistas, respira-se um ar purissimo de liberdade, e até diria republicano, se a república, como ai se está apregoando, não nos estivesse prometendo o mais tremendo despotismo. Assim, também, por que há de o socialista julgar-se inimigo do padre, essencialmente inimigo, incompatível com o padre, com a religião, quer dizer, com a sua própria mulher, que é, provavelmente, religiosa, com as suas filhas, com os seus filhos, criados numa atmosfera cristã de toda a Europa e de todas as nações cultas? Com que conveniência? Nenhuma. Com que necessidade? A julgar do manifesto do Senhor Antero de Quental, também, me parece que nenhuma, por que ai até vejo render homenagem a umas certas cousas morais, e, desde que nos levantamos do mundo material, para achar preciosidades, máximos valores, cousas de máxima importância, no mundo moral, estamos na região da alma, que creio, assim como sabe, que ama, assim como pensa.

Meus caros socialistas: em verdade vos digo que quem escreve esta linha, se alguma cousa é em politica, é socialista; por que a vossa bandeira, dizeis vós, é a justiça, e quem não há de seguir esta bandeira? Mas é socialista porque é cristão; é socialista porque ama os seus semelhantes; se não, quando tivessees ocasião disso, faria o que fazem os que não são cristãos, os que não se consideram vossos irmãos; tratar-vos-hia como a um cavalo, ou peor que a um cavalo, porque o cavalo custa dinheiro, e, em morrendo, o dono perde; enquanto vós, em morrendo, não falta quem vos apanhe, e talvez, mais barato. Não mistureis a religião com a politica; deixai lá a religião, que é para todos os tempos e todos os lugares. Tendes, no mundo económico, muita cousa a fazer, a pregar. A religião, se um dia triunfardes, como conservadora que ela é essencialmente, porque a sua missão é a paz e a ordem, reconhecer-vos-hia, como actualmente reconhece e abraça as formas de governo estabelecidas. Ela não provoca o movimento, mas acompanha o movimento. Ela só condena os princípios que nos levam mais longe, e atacam a moral e a fé, porque vós mesmos, sem fé e sem moral, não creis socialistas, creis retrogrados e adoradores do "bezerro de ouro".

Em nome de quem vos levantai vós, se não em nome da igualdade humana? E de onde veio essa igualdade senão da religião? Como se é igual, sem ser irmão, e como se é irmão, sem paz comum? Quem disse estas palavras, que deveis inscrever na vossa bandeira: "Bemaventurados os que tem fome e sede de justiça, por que eles serão fartos"? Não foi o bom Jesus?

Mas, por isso mesmo, sr. redactor, peço desculpa do meu atrevimento, por que vejo estas cousas de longe, sem exame, sem o estudo necessário, por que é que v. h. de combater o socialista, só por que é socialista? Pois todo o socialista será incrédulo?

Pois tal ou tal doutrina económica envolve a ofensa do dogma?

Não conviria distinguir, absolutamente, uma da outra?

Pois se o ideal do socialista é a justiça, qual outro ideal será o da religião?

Confio ao correio estas perguntas com pouca esperança de que mereçam resposta, mas v. fará o que julgar conveniente.

Lisboa, 29 de Agosto de 1880.

De V. etc.—JOÃO DE DEUS.

## OS QUE MORREM

Faleceu em Vila Nova de Gaia, José Bento Diniz, tipógrafo de A Comuna, tendo sido sepultado no cemitério de Santa Marinha, sendo o seu funeral acompanhado por numerosos operários.

Eleutero Barão

Após doloroso sofrimento faleceu ontem, Eleutero Barão, capiteiro civil, filho de José Pedro Barão, forjador do Arsenal da Marinha.

O seu funeral realiza-se hoje, às 15,30 horas, para o cemitério do Alto de São, saindo o préstito da rua da Madalena, 66, 5.º.

João António Ferreira

Após prolongado sofrimento faleceu com a idade de 67 anos João António Ferreira, mestre dos pintores e anexos de construção naval da Companhia Nacional de Navegação.

O extinto foi fundador da Associação de Classe dos Pintores de Construção Naval e Anexos, Grupo Recreativo "Os Bem Entendidos" e sócio das associações: Protectora dos Animais, Associação Humanitária Camões e Adriano Cavalheiro.

Pelos seus belos dotes de carácter foi um bom camarada, quer como operário, quer quando exerceu o lugar de mestre que, pelo seu passamento só deixa profundas saudades para com os que com ele conviviam.

O seu funeral realiza-se hoje, pelas 15 horas, para o cemitério do Alto de S. João, saindo da rua dos Caminhos de Ferro, 100, 1.º. A comissão administrativa dos Pintores de Construção Naval e Anexos, convida os seus consocios a incorporar-se no funeral.

## FACTOS DIVERSOS

Perdeu-se

Alfredo Marques Pereira, vendedor de capotas, perdeu na rua Barbosa do Bocage, os vigésimos n.º 3608 série 1 a e pede a quem os achou, para os entregar neste jornal.

**COLISEU DOS RECREIOS**  
HOJE — às 20,45 (8 3/4) — HOJE  
**ULTIMO DIA DE CARNAVAL**  
GRANDE ESPECTACULO DE CIRCO NA PISTA  
À MEIA NOITE  
ULTIMO baile de máscaras ULTIMO Entrada gratuita a todas as senhoras mascaradas  
"MATINEE"—às 11,30 (2 e meia) Espectáculo de circo na pista  
**RICO & ALEX** Irmãos ALBANOS  
5 VALIOSOS PREMIOS 5 — às crianças que se apresentarem melhor mascaradas  
1.º premio: um piano para criança; 2.º: um urso; 3.º: um par de sapatos; 4.º e 5.º: camarotes para um espectáculo do Coliseu  
BRINDES A TODAS AS CRIANÇAS PREÇOS OS DO COSTUME  
Sábado, 28 — ESTREIA da NOVA COMPANHIA DE CIRCO

## TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

### NO TRINDADE

"Eva", de Franz Lear

Maria Tabassi salientou-se na "Eva", de Franz Lear, como não podia deixar de ser. O bom timbre da sua voz, principalmente seguro nos agudos, realçou as belezas da partitura que não é das menos felizes do autor do "Conde de Luxemburgo".

Os outros artistas secundaram o trabalho da protagonista da opereta com acerto e denotaram mais uma vez os seus bons recursos scenicos e liricos.

Bom a direcção do maestro Ricci.

NOGUEIRA DE BRITO.

### NO POLITEAMA

A revista de Lino Ferreira e Nascimento Fernandes  
"Vem cá, não tenhas medo"

Sirva de exemplo a pequena revista "Vem cá, não tenhas medo", de Lino Ferreira e Nascimento Fernandes, para provar suficientemente que se pode fazer espirito offensivo, leve e abundante.

De Lino Ferreira se conhece já a veia humoristica em vários trabalhos congêneres. Não abusando do trocadilho, mas empregando-o em dose exacta, recheia os seus originaes e as suas traduções duma verve absolutamente honesta e despolida, que difficilmente achará quem a iguale. Nascimento Fernandes, cuja faceta de cómico inteligente e consciencioso se vem afirmando cada vez mais, emprestou à peça a sua individualidade num desdobramento curioso, pois representou com a mesma graça com que nela entrou a colaborar confectionalmente.

"Vem cá, não tenhas medo" tem observação, e sobretudo uma despretensiosa ironia e uma confortável critica que colocam a produção entre as melhores do género. No desempenho, em que não há uma falha, todos brilharam desde o autor Nascimento e o empresário Robles até a mais humilde das trébulas.

NOGUEIRA DE BRITO

### Noticias

A mágia "A semana dos 9 dias", que Otelio de Carvalho está ensaiando no Eden Teatro, deve ter a sua "premiere" depois de amanhã, quinta-feira, será apresentada em duas sessões em cada noite.

### Recêlames

Findam hoje no Eden Teatro, as divertidas "carnavates", que tem batido o "record" da concorrencia, animação e entusiasmo. Consta o espectáculo da despedida, irrevogavel da mágia "O Bol Rei", com todos os seus atracões e emocionantes surpresas, e findo o espectáculo, haverá deslumbrantissimos bailes de máscaras, que sempre dos mais frequentados e animados, deixando-se sem descanço até alta madrugada. Nesse baile tomarão parte as bailarinas e artistas do Eden Teatro, tocando duas bandas e haverá dois premios para os melhores valhetes. Os espectadores e bailes do Eden, apesar da sua magnificencia são os mais baratos divertimentos da actualidade, custando a entrada no baile 7 escudos.

Hoje, ultimo dia da quadra carnavalesca, a despedida do teatro Nacional promete deixar memoria de si. A's 8 horas brilhante "matinee" com baile de máscaras infantil a que se destinam muitos, valiosos e artisticos premios. A noite, recita com abelissima comedia, original de Sario Tavares, "Ingleses", que achava interessante a disposição dos operários "cristalinos", minava camicamente na sombra e levava os operários a consentirem que se dissesse, em seu nome, que o trabalho dividido não tinha viabilidade, porque, além de não dar para os que trabalhavam, não para os que se encontravam no labor, já, *ipso facto*, prejudicar as empresas videntes.

O sr. João de Magalhães Júnior, com um entusiasmo sôrdido começou espalhando a semente desleal do egoismo, para que fossem os seus operários que dissessem que não dividiam trabalho. Porém, como a natureza se compraz em deitar por terra os maquiavelismos só proprios de espiritos satânicos, o trabalho perdido deste senhor foi bem depressa descoberto, e os operários que se encontram sem trabalho facilmente se aperceberam das intenções do homem,

Assunto que se esclarece

Procurou-nos o director do mensário O Pirilampo para nos fazer ácerca do seu jornal declarações identicas ás que fizemos anteontem sobre o Fôgo, a propósito de correr o boato de que "os cavalheiros da luz" eram os seus redactores—o que é mentira.

### DESPOÏTOS

O S. L. B. visita Tomar

Deslocou-se no domingo a Tomar a primeira categoria do Sport Lisboa e Benfica que a convite da filial do Sporting Club de Portugal, naquela cidade ali foi realizar um jogo. Afavelmente recebidos, os jogadores lisboetas, pelo Sporting Club de Tomar, effectuou-se o desafio com diminuta assistência de publico, que parece ainda não lhe interessar o género, desenvolvendo-se um jogo fraco e que terminou por 3-1 a favor do Benfica.

A arbitragem de J. Bogalho, correcta.

No final, foi o grupo visitante convidado pelo Sport Lisboa e Tomar, filial do S. L. B. a visitar a sua sede, sendo-lhe oferecido um delicioso copo de água e gentilmente trocadas saudações entusiastas entre os representantes das agremiações desportivas.

Um gesto altruista

Um operário oferece sangue, para salvar a vida a outro

No sábado último, na enfermaria do Hospital de S. José, deu entrada, bastante doente, José Orosa Fernandes, que era condutor do comboio, quando do choque, há tempos, na Lamarosa, caso a que então nos referimos.

O seu estado de extrema fraqueza, quasi anémico, inibia os médicos de lhe poderem prodigalizar o tratamento de que carecia, sem uma urgente transfusão de sangue.

O enfermo da cama n.º 1, da mesma enfermaria, Adolfo Pinto Rebelo, serralleiro do P. A. M., residente na rua da Fábrica das Sédas, 15, 3.º, que ali se encontra internado e em vésperas de sofrer uma melindrosa operação, ao ter conhecimento do caso, offereceu generosamente o seu sangue para essa transfusão, que immediatamente foi feita pelos médicos da enfermaria, tendo, no dia immediato, o doente experimentado sensíveis melhoras.

Actos de tão elevado altruismo, são dignos de registo.

## A BATALHA NA PROVINCIA E ARREDORES

### Olhão

#### Uma conferência

OLHÃO, 19.—A convite da U. S. O. desta localidade realizou o professor José Negão Buisel uma conferência sobre a "Origem da terra e aparecimento do homem". Depois de ter descrito o aparecimento da terra e da vida descreveu a forma porque se pensa que appareceu o homem sobre a terra, referindo-se às theorias de Darwin, segundo as quais o homem desce do macaco, a uma outra theoria pela qual o homem resultou da transformação duma célula e por último a versão biblica, a qual fez uma intelligente critica. Historia a vida do homem desde os tempos primitivos até a presente época.

Referindo-se aos últimos acontecimentos sociais exorta a assistência a comparecer no comicio do dia seguinte.—C.

#### Vila Nova de Gaia

##### O desleixo da Câmara

VILA NOVA DE GAIA, 21.—Encontram-se em deplorável estado de transabilidade e de higiene as ruas desta vila, não escapando a parte baixa que é bastante vasta.

Entretanto a Câmara vai-se entretendo a aprovar votos de louvor.

Quando se lembrará de pensar nos interesses dos seus municipes?

#### Uma iniquidade

Há bastantes meses já que se encontra preso o operário corticeiro Guilherme das Neves, acusado de agredir à facada o senhorio Valentin António, da rua Visconde das Devezas.

E' manifesta a inconsistência da accusação contra esse operário. No entanto é necessário satisfazer os instintos desse bondoso senhorio, que não teve duvida alguma em despedir os seus inquilinos, que não eram poucos: conforme A Batalha relatou.—C.

#### Marinha Grande

##### Uma carta aberta

MARINHA GRANDE, 21.—Dirigida aos altos magnates "cristalinos" João de Magalhães Júnior, Emilio Galo e dirigentes da Fábrica Central principiou hoje a circular pelas ruas desta vila uma carta aberta, da qual recortamos o seguinte trecho:

"Senhores dirigentes das fábricas Marquês de Pombal, Lusitana e Central, lembrai-vos que por vossa culpa (vossa só, ou vistes?) andam duzentos chefes de família a brigar com a fome e com a miséria, sem tão pouco poderem encontrar uma porta de saída. Porém, fartos de pensar, descobrimos afinal que, dividindo o trabalho que havia, stavavam um pouco as consequências "secutenas" da crise asperíssima. Surgiu a "funisterie" ritual das "demarches" para o efeito.

Desta maneira, como mentor que é da dita Associação, não podia, por forma alguma sair fóra da letra do Estatuto, da grei e depois de mentirosamente ter dito que achava interessante a disposição dos operários "cristalinos", minava camicamente na sombra e levava os operários a consentirem que se dissesse, em seu nome, que o trabalho dividido não tinha viabilidade, porque, além de não dar para os que trabalhavam, não para os que se encontravam no labor, já, *ipso facto*, prejudicar as empresas videntes.

O sr. João de Magalhães Júnior, com um entusiasmo sôrdido começou espalhando a semente desleal do egoismo, para que fossem os seus operários que dissessem que não dividiam trabalho. Porém, como a natureza se compraz em deitar por terra os maquiavelismos só proprios de espiritos satânicos, o trabalho perdido deste senhor foi bem depressa descoberto, e os operários que se encontram sem trabalho facilmente se aperceberam das intenções do homem,

que é nem mais nem menos do que o "testa de ferro" da Associação Industrial e Commercial, esse coio infame que veio à vida para opprimir os explorados e semear a iniquitação e o desassocgo nos espiritos produtores.

E aqui é que está a obra nefasta e infame do sr. João Magalhães, porque originou que a crise se eternizasse e que fosse deitado por terra o trabalho galhardo da Associação Industrial e Commercial em acção para manter a disparidade de situação e fazer sofrer o proletariado, e assistir ao gener dos farrapos de rostos esquelidos e graças fardas, que pejam as ruas deste burgo!—E.

### Portalegre

#### Manejos das "fôrças-vivas"

PORTALEGRE, 21.—Também aqui, como por toda a parte, a famosa União dos Interesses Económicos, a pesar da sua pouca existenciação tão celebre já se tentou por intermédio do comércio local, arremeter contra o governo que, saindo um pouco fora dos usos e costumes dos seus antepassados, lhes encerrou o covil em que urdiam os assaltos à bolsa do pobre consumidor. Mas, ou porque a maioria dos comerciantes daqui estejam enfeudados aos desmembrados partidos politicos e em especial o chamado democratico, ou porque o governador civil lhes fosse a mão, o que é certo, é que não conseguiram publicar o manifesto, o que foi pena, para termos a forma como falam e procuram defender-se os que nos têm roubado até a propria pele.

Alguns comerciantes não tendo onde cair mortos há pouco, e que se encontram agora senhores de colossais fortunas, encerraram meia porta ou colocaram o tapal na montanha, muito a medo, não fosse o diabo maluco e fizesse com que os espoliados num gesto de enfado e revolta se atrevessem a tirá-los, ou pelo menos a marcá-los. Não percebemos bem o significado desta ideia que o comércio ou a celebrada União agora adopta, porque lhes mesmo por aqui não a sabem explicar. Mas se é para apalpar a opinião publica a seu respeito, devem ter a experiencia dum dia dura prova, pois que o exercito proletariano e a maioria dos consumidores, por forma bem clara demonstram o que num dia breve estão dispostos a fazer.

Os corifeus da politica têm nos ultimos dias andado por aqui numa verdadeira roda viva, pois que nas voltas dadas pela politica, temem que lhe fuja o poder que há treze ou quinze annos dispõem. A famigerada união de combinações e acordos com os monárquicos, propõe-se disputar as eleições e ao que consta com probabilidades de exito, uma vez que as massas trabalhadoras que noutro tempo, tanto se sacrificaram em prol da república, estão agora completamente divorciadas e confiadas só na sua propria conta.

Partes de serem exploradas chegaram á convicção que a politica só se torna boa para os Baltasar Teixeira, Velez Caroco, Camoes e outros, que tais, á sua sombra se tem enchedo a si e enchedo aos amigos. A acção dos sindicatos existentes neste centro tem sido verdadeiramente frouxa e quasi nula, pois que os diversos individuos que os compõem num desleixamento que envergouha, tem deixado desaparecer o pouco que havia feito. Parece porém agora erguer-se algum que fenciona trabalhar e como conto também auxiliá-los nas columnas de "A Batalha", tenho fe que dentro em pouco estarão a altura da sua nobre e necessária missão e que os politicos e reaccionários terão que contar com eles, pois a exploração que o patronato por aqui exerce é tremenda e revoltante.—C.

### Sociedades de recreio

Sociedade Amigos da Infância.—Continuam hoje as festas que se vêm realizando, havendo um concurso infantil de costumes.

**Eden Teatro**  
(Telefone Norte 3800)  
HOJE, ÀS 9,30 DA NOITE  
Companhia OTELO DE CARVALHO  
**DESPOÏTO DO CARNAVAL**  
Ultima representação irreproduzível do apparatus, deslumbrante e graciosa mágia  
**O BOLO-REI**  
com SENSACIONALISSIMAS SURPREZAS  
À MEIA NOITE:  
**2 DESLUMBRANTÍSSIMOS BAILES DE MASCARAS**

**PREÇO DO BILHETE: 7800**  
INCLUINDO TODOS OS IMPOSTOS  
Os bilhetes serão abillhantados com o concurso dos bailarinas e coristas da Companhia  
Produz e artefacta iluminação no elegante e vasta sala do teatro e nos amplos salões  
**2 BANDAS DE MÚSICA**  
tocando alternadamente  
uma valsa e maxixe a prêmio  
QUINTA-FEIRA:  
Inauguração dos espectáculos em sessões  
A mágia A SEMANA DOS 9 DIAS

**TEATRO APOLO**  
Ainda hoje  
em duas sessões a mais fulgurante de todas as revistas  
**MOLA REAL**  
CARNIVAL  
Grandes divertidos no salão e no palco, abrindo as portas do teatro uma hora antes e fechando duas horas depois da última sessão.  
PREÇOS: Frizas, 70\$00; Camarotes de 1.º, 80\$00; de 2.º, 50\$00 e de 3.º, 35\$00; Fauteuils de orquestra, 13\$00; Fauteuils simples, 9\$40; Cadeiras, 7\$00 e Geral, 4\$00.  
Os espectadores das frizas e camarotes têm direito aos dois espectáculos.

**Teatro Nacional**  
HOJE  
ULTIMO ESPECTACULO DE CARNAVAL  
COM OS ALEGRES  
**INGLESES...**  
seguinte-se-lhes  
brilhantes bailes de máscaras  
onde  
**2 BANDAS DE MÚSICA 2**  
EXECUTARÃO O MAIS ALEGRE REPERTÓRIO  
À 11/2 DA TARDE  
**ULTIMO BAILE INFANTIL**  
COM PREMIOS PARA AS CRIANÇAS  
MELHOR MASCARADO  
A mais atraente e encantadora diversão de Carnaval

**DENTES ARTIFICIAIS**  
125\$00. Extracções sem dor, a 10\$00. Consulta especial das 10 a 12. Concertam-se dentaduras em 4 horas. Das 2 às 7 consultas com hora marcada.  
**MÁRIO MACHADO**  
CHIADO, 74, 1.º Telef. C. 4186  
**Rodas "Ocas"**  
A melhor para isqueiro. Chegou nova remessa. Dirija pedidos a FRANCISCO P. LATA. Tabacaria ou Quisque do Largo do Conde Barão, 55.  
Pedras: d'avis 5\$00!!...



— Pela salvação da minha alma! não me resta coisa alguma!

— Nesse caso, as três provas não te arrancarão nenhuma confissão em contrário do que dizes!

— Que provas?

— As da goliha, do gancho e da grelha... Sim, se tu não nos abandonas os outros bens que nos escondes, sofrerás estas três provas à vista de tua filha.

— Dizendo estas últimas palavras, Garin elevou dum tal modo a voz, sem dúvida de propósito, que Isolina ouvindo estas ameaças, abrindo passagem por entre os algozes, lançou-se alucinada aos pés do bailio gritando:

— Perdão..., perdão para o meu pai!

— O seu perdão depende d'êle, disse Garin; que abandone aquilo com que ficu.

— Meu pai! exclamou a donzela, eu ignoro quais os seus bens; mas se por minha causa pensou em reservar alguma coisa, peço-lhe que ceda tudo... Oh! ceda tudo!

— Ouves? replicou Garin com um sardónico sorriso, vendo o mercador atterrado com as imprudentes palavras que o susto arrancava a Isolina, eu não sou o único que suspeito de no dissimular uma parte dos teus tesouros, Bezenecq o Rico. Oh! oh! como bom pai, tu quizeste guardar um bom dote para tua filha?

— Garin, vejo dizer ao bailio um dos seus algozes, o brazeiro está pronto; pode-se apagar se tu fizeres passar êsse homem pelas' provas da goliha e do gancho.

— Em atenção a esta linda rapariga, serei generoso, replicou Garin; a prova da grelha é bastante, mas esperta o lume. Agora, responde, Bezenecq o Rico: pela última vez, queres, sim ou não, dar tudo ao senhor conde de Plouernel?

— A minha filha é a quem eu vou responder, disse o mercador em tom solene; os algozes não me acreditariam. E dirigindo-se a Isolina com voz entrecor-





## A VILA DE SINES

A terra onde nasceu Vasco da Gama — O que há de organização operária — Falta de transportes, de estradas e de asseio

Agora que a sociedade burguesa comemorou o 4.º centenário do nascimento de Vasco da Gama digamos alguma coisa sobre a terra que foi «pátria gloriosa» do «glorioso» almirante do mar das Índias e do «valioso» conde da Vidigueira.

Mas descrever a terra sob uma forma real, autêntica e não falsa como nos descrevem o filho, eis o nosso intento. Falamos sobre as suas aspirações e necessidades, eis, também, o nosso final intento!

Quem pela primeira vez vá a Sines e que não conheça ou não saiba o sítio onde nasceu o tão cantado navegador ficará infelizmente e logo de momento familiarizado com o local que lhe foi berço. É que qualquer sinesense que lhe sirva de cicerone começará por lhe mostrar a casa, de reconstrução actualizada, onde Vasco da Gama viu a luz do dia, e onde se ostenta uma marmoreada lápide que atesta o facto. Em seguida mostrar-lhe-á a capela da sr.ª das Salas, na ribeira de Cima, quasi pegado com a vila, que, em estilo manuelino, foi por ele mandada edificar provavelmente em graças do seu feito — segundo se lê numa inscrição da época que se encontra à parte de cima do pórtico, salvo erro, da referida capela e em cujo interior se vê um enorme retrato do aventureiro que no-lo representa tal qual é — ou devia ser na altura em que «fez» o descobrimento do caminho marítimo da Índia.

Se pretendemos adquirir vistas de trechos da vila lá encontraremos em quasi todas elas a inscrição infalível que nos persegue por toda a parte. Sines é a Pátria gloriosa do épico navegador Vasco da Gama — e, como se tudo isto fosse pouco, qualquer cartaz ou programa anunciador de qualquer coisa, há de trazer, escaupado, o seu nome, de contrário murmurar-se... por poucos são os filhos de Sines que não tenham o culto do seu contêxneo... pelos menos nos lábios.

### A organização operária

Sines fica — como de resto o sabe toda a gente que conheça o mapa desta grande aldeia que é a região portuguesa — mesmo à beirinha do oceano Atlântico e a aréa final de suas lindas praias são pelas suas águas, ali parecem cristalinas, constante e ininterruptamente osciladas. Como razoável centro piscatório que é, uma grande parte da sua população emprega a sua actividade nesse arriscado e perigosíssimo «metier» que é a pesca. Há ainda mais profissões marítimas como sejam as das classes de descarregadores, estivadores, barqueiros etc., que se acham organizados, em conjunto, dentro da associação marítima local, mas em número muito restrito para que possamos afirmar que os marítimos de Sines se acham sindicados, quando poderiam ser, segundo o nosso modo de ver (depois de se fazer o descobrimento das respectivas secções profissionais e constituírem-se em sindicato único, ainda que a Federação Marítima tivesse que dispendir esforços inauditos na propaganda que tal assunto require) uma força sindical muito razoável. Já que estamos com a mão na massa, como sei dizer-se, aprez-nos aqui chamar a atenção da jovem Federação de Conservas para que irradie a sua acção até aquela vila.

Existem ali algumas fábricas de conservas — chamadas «vitas» — e sobre cujo pessoal, que está por organizar, se exerce uma exploração infamíssima e tirânica. Há ainda também a associação dos corticeiros e outras se poderiam fundar como a da construção civil, etc. Bastaria que os esforços de meia dúzia de camaradas conscientes que por lá existem acompanhados por mais alguns que despertassem do letargo condenável em que permanece se convergissem nesse sentido e secundados pelas respectivas Federações a quem o caso interessa para que Sines fosse, porque tem todas as possibilidades para o ser — visto não lhe faltar a população trabalhadora necessária para tal — não o actual zero em matéria associativa, mas sim um forte e consciente estio sindical onde, revolucionariamente, os produtores enfrentariam a luta gigantesca, titânica mesmo, a travar, num lapso de tempo mais ou menos curto, com a parasitagem capitalista que nos subjugou.

Há localidades que já possuem a sua União de Sindicatos Operários com menos população proletária do que Sines não dispõe e por isso afiliga-se-nos que ali se deve trabalhar para tal. Poderá, já de momento, parecer arrojada tentativa mas, segundo o que expomos acima, não é irrealsável.

### Melhoramentos locais

Se Sines tivesse a facilidade de transportes terrestres, como tem por via marítima, engrandecer-se-ia rapidamente, e ela veria, indubitavelmente, aumentar duma forma considerável o já grandioso número de aquisições que na época balnear ali acorrem para se banharem nas suas águas límpidas e salutares. No inverno, Sines oferece-nos a mesma insípida e monotónica que se observa em todas as praias, mas chegada a época calmosa, também não falta ali a animação, a vitalidade fictícia e momentânea que se vê nas suas congêneres.

Uma das maiores, senão a maior das aspirações de Sines, é ver que se converta em realidade a projectada linha férrea, cujos trabalhos de terraplenagem vão lá além de Santiago do Cacem, ainda que esses trabalhos sejam feitos com uma tal morosidade que nos leva a vaticinar a sua conclusão só lá para o ano de...

Fica o sabor de quem me lê, a fixação da data do seu acabamento!

Em oito horas de viagem por via marítima, e em qualquer pequeno vapor, vai-se de capital a Sines, o que não sucede por terra, que necessitamos dumas catorze ou quinze para o mesmo fim.

De Grândola, que é a estação do caminho de ferro que mais próxima fica daquela vila, fica ela distante umas oito léguas, que a diligência que lá nos conduz leva isso em oito horas, não incluindo o tempo de paragem em Santiago! Quere dizer, que um homem a não levaria tanto tempo a fazer esse percurso!

Por aqui se pode calcular como a Pátria

## CONTRA O MOVIMENTO DAS "FORÇAS VIVAS"

### Prossegue a campanha popular contra a organização e as pretensões dos comerciantes, industriais e agricultores gananciosos

Um imponente comício em Olhão a que assistiram cinco mil pessoas

OLHÃO, 19. — Promovido pela U. S. O. realizou-se ontem no largo da Alfandega um comício de propaganda contra os maneios da União dos Interesses Económicos, com uma assistência de cinco mil pessoas, entre a qual se viam numerosas mulheres.

Abriu o comício, Vergílio Tavares declarou a tribuna livre.

David Correia, da Federação da Indústria de Conservas, analisando a situação crítica dos operários da sua indústria, diz ser necessária a mais rápida solução para a crise de trabalho.

Manuel Teodoro, da U. S. O., ataca com energia os indivíduos que pretendem baixar os salários, e aumentam os preços de pão e mais generos indispensáveis à vida. Aprecia as pretensões da U. I. E. que a serem realizadas levarão ao terror branco.

José Maria Canoa, dos Soldadores, vem para combater os adversários que pretendem condenar o povo à fome e à morte, pelos processos mais jesuíticos. Critica a pretensão subida ao poder da U. I. E., depois de ter afirmado que a crise de trabalho obedece a instruções deste organismo a todo o patronato.

Alexio de Oliveira, da C. G. T., denuncia os culpados do mal-estar em que o povo trabalhador vive, abrangendo a U. I. E., que coligando os financeiros de todas as cores políticas pretende transformar o país numa enorme caserna.

José Negro, Buisel, dirigindo-se aos «forças-vivas» que certamente ali estão a ouvir o convívio a ir à tribuna dizer da sua justiça porque o povo saberá manter-se coerente com os seus princípios de máxima liberdade de pensamento e de crítica. Critica a acção da U. I. E.

Foi por fim lida e aprovada a seguinte moção:

Considerando: Que neste momento todas as forças reaccionárias e jesuíticas se uniram no firme propósito de impedir a marcha do progresso; Que nessa união tomam também parte os comerciantes e industriais do país, que pensam apoderar-se do poder para mais facilmente escravizarem o povo trabalhador e mais à vontade poderem roubar os consumidores. Que os poderes movidos por altas influências que não é estranha a União dos Interesses Económicos, deitaram por terra um governo por ter afirmado que a guarda republicana se não fez para espingardar o povo e que estava ao lado dos explorados contra os exploradores; Que a União dos interesses económicos, «seita tenebrosa» nascida

gloriosa do épico navegador — como de resto todas as terras do país, graças à incúria e desleixo dos governantes — está bem servida de estradas. Calcule-se, por um destes acasos que se podiam dar muito facilmente, todo esse estado que para ali esteve durante as festas do centenário de Vasco da Gama, representando vários países, quizesse visitar a terra onde ele nasceu, e que fossem por terra; como eles não ficariam estupefactos perante a grandiosidade de fecundação deste país, em heróis...

E que triste que isto nos causa — a realidade de Sines vai erigir um monumento a seu filho «ilustre» e não procura embelezar a terra, consentindo que pelas ruas da vila ande quasi todo o dia a carroça imunda recolhendo os de escrementos humanos e mais dejectos!

E no entanto, senhores, que dizeis ter o culto da pátria, profundando vossas consciências, se é que a tendes, achareis como nós, mais embelezada uma vila sem monumentos, mas higiênica, do que aquela que tenha estátua, mas cujas ruas compõem uma esturmeira imensa.

Eu sei que isto vai ferir susceptibilidades baírristas, mas o pouco que sei escrever é de verdades, ainda que doam a muita gente.

Fevereiro, 1925.

Américo da Silva Santos

### Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço \$500.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço, \$250.

A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha. (Desconto aos revendedores).

### Do estatuto confederal

#### CAPÍTULO I

#### DOS OBJECTIVOS

Artigo 1.º — A Confederação Geral do Trabalho constitui-se com os seguintes objectivos:

1.º — O agrupamento, sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores assalariados no país, para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição moral, material e física;

2.º — Desenvolver, fora de toda a escola política ou doutrina religiosa, a capacidade do operariado organizado para a luta pelo desaparecimento do salariado e do patronato, e posse de todos os meios de produção;

3.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Confederações dos outros países, para a ajuda mútua, numa comum inteligência, que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.



da coligação patronal pretende coagir os trabalhadores a sujeitar-se à mais negra e afrontosa das escravidões, imposta por meio da miséria, provocada pela crise de trabalho; Que uma das suas pretensões é acabar com a livre expressão de pensamento e de reunião, por intermédio dum governo ditatorial onde só preponderam e mandam as espadas e as sotanas negras da igreja; O povo de Olhão, a quem repugna a afronta das «forças vivas», reunindo em comício público no dia 18 do corrente, no Largo da Alfandega, resolveu:

1.º Protestar por todas as formas ao seu alcance contra os maneios da União dos Interesses Económicos, indo até onde as circunstâncias o permitirem e os acontecimentos o indicarem.

2.º Nomear uma comissão composta por três a cinco membros, para ir entregar este documento à autoridade administrativa, para que o faça chegar às mãos do governo.

3.º Dar plenos poderes à C. G. T. para declarar, caso as circunstâncias o reclamem, um movimento nacional de greve contra a ditadura das «forças vivas», declarando-se nesta vila desde já a greve geral em princípio.

4.º Enviar uma cópia desta moção para a C. G. T. e para o jornal operário A Batalha.

5.º Reclamar do governo immediatas providências tendentes a debelar a crise de trabalho consoante as reclamações formuladas no antecedente comício. — C.

### A afirmação dos descarregadores do Seixal

SEIXAL, 22. — Na assembleia dos descarregadores de mar e terra, que se realizou há dias de que nos fazemos eco noutra lugar, foi aprovado um vibrante protesto contra a União dos Interesses Económicos, resolvendo aqueles trabalhadores lançar mão de todos os processos para impedir os seus desígnios. — E.

### O protesto dos rurais de Fronteira

FRONTEIRA, 20. — Com grande concorência, reuniram na respectiva Associação os trabalhadores rurais para apreciar a circular da C. G. T. sobre crise de trabalho e movimento da União dos Interesses Económicos.

Falaram os camaradas Pimentel, Joaquim Romão, João Barroso, Matias Ratado e António Rodrigues. Todos os oradores combateram acrememente a obra odiosa da U. I. E., que pretende fazer reviver um passado ignominioso para a classe operária.

Foi aprovado um vemente protesto contra a ditadura em perspectiva. — E.

### RESPIGANDO...

## Os partidos políticos

A concentração capitalista que, pela criação das sociedades anónimas, determinou o funcionamento de grandes empresas financeiras, industriais, comerciais, agrícolas e de comunicações, opera-se a cada instante. O sindicalismo — por mais que esta afirmação pareça paradoxal — prospera e desenvolve-se na razão directa do progresso capitalista, que o mesmo é dizer, progresso industrial, progresso agrícola, etc. O paralelismo entre o progresso industrial ou agrícola e o sindicalismo é um facto incontestável. Vemos que é nos países de maior intensificação industrial que há melhor organização sindical e simultaneamente onde a luta de classes é mais constante. O sindicalismo não pode pois ser inimigo do industrialismo que é a sua razão de ser, devendo até, por todos os meios ao seu alcance, estimulá-lo.

E então — dirão os defensores dos partidos políticos e os operários que mal concebem o sindicalismo — É indispensável a existência e o avigoreamento dos partidos políticos pois estes agrupamentos têm já elaborados programas de administração geral que compreendem precisamente o estímulo às indústrias, pela adopção de certas medidas de fomento, pela concessão de certos favores pautais ou outros benefícios.

Não, diremos nós: 1.º — porque os partidos de governo cuidam mais dos interesses de seus clientes que dos interesses gerais, não podendo mesmo subtrair-se à influência do capitalismo dominante; 2.º — porque o sindicalismo dispõe de organismos apropriados a alcançarem o mesmo objectivo e com resultados mais eficazes.

Pois não servem as federações corporativas a incitar o desenvolvimento das indústrias? Pois não servem as uniões de sindicatos a promover o progresso material das localidades? Pois não serve a confederação geral operária a velar pelos interesses superiores da população dum país?

Mas — objectarão — esses organismos não são órgãos de execução governativa. É certo. Entretanto, pela pressão exercida, agitando, promovendo a manifestação nas ruas, podem coagir os governos a actuar em determinado sentido. E deste modo fica dispensado, e com vantagem, o auxílio dos partidos políticos, cuja existência pode aproveitar a outra classe que não a operária.

...

### Uma óptima obra que ninguém deve deixar de adquirir

Trata-se do romance histórico por Eugénio Sue «Os Mistérios do Povo» que revela a história duma família de proprietários desde as mais remotas idades acompanhando os grandes acontecimentos da antiguidade.

Não devem deixar de assinar esta importante obra social

EDIÇÃO POPULAR E DE DIVULGAÇÃO  
JÁ SE ENCONTRAM PUBLICADOS 50 TOMOS  
CADA SÉRIE DE 10 TOMOS, \$500  
PELO CORREIO OU

## CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

### Corticeiros do Seixal

Declarou-se em greve o pessoal corticeiro da firma Wicander. O conflito foi originado pelo facto da referida firma pretender impor iniquamente uma redução de 10 % nos salários. Os grevistas estão na disposição de não retomar o trabalho enquanto a firma não modificar a sua atitude.

### Os corticeiros de Gaia prejudicam-se trabalhando além do horário

VILA NOVA DE GAIA, 21. — A classe corticeira, que é numerosíssima nesta localidade, está desrespeitando o horário de trabalho, pois que a maioria dos seus membros trabalha 9 e 10 horas.

Isto verifica-se ao mesmo tempo que a maioria das fábricas reduziu o seu pessoal e outras ameaçam encerrar as suas portas, como há pouco sucedeu com a fábrica Centeio, Lda.

Desta forma prejudicam-se os que não têm onde empregar a sua actividade e precipita-se a falta de trabalho. É necessário que a classe corticeira, dentro do seu sindicato, pondere a situação actual, para que não continue a forjar a sua própria miséria. — C.

### A secção da Federação Corticeira Nacional

Reuniu o conselho da Federação Corticeira no passado domingo, tendo-se ocupado largamente da situação da classe em face da atitude de alguns industriais que pretendem reduzir os salários aos respectivos operários.

Sobre este assunto o conselho ouviu os delegados que foram em missão a Vendas Novas, Grandola e Castelo Branco, deliberando publicar um manifesto à classe convidando-a a repudiar a tentativa dos industriais.

Tomou também conhecimento de que a firma Wicander, com fábricas no Seixal e Vendas Novas, pretende levar a efeito uma baixa de salários, por cujo motivo já se encontram em greve os operários da fábrica do Seixal.

Para estas localidades vão partir delegados, e bem assim para Évora, cuja presença de delegado é solicitada pelo sindicato local. Foi ainda apreciado um ofício de Silvaes propoimento duma apreensão de cortiça ali feita por estar incursa na lei que proíbe a exportação da cortiça em estado bruto, apreensão que foi prejudicada devido à atitude pouco honesta assumida pelo fiscal do governo, sendo resolvido enviar ali um delegado. A Federação comunica a todos os sindicatos que devem enviar, o mais breve possível, para a sede federal, uma relação contendo os nomes das firmas existentes nas localidades, tanto de grandes como de pequenos industriais.

### A baixa de salários nos descarregadores do Seixal

SEIXAL, 22. — Reuniu a classe dos descarregadores de mar e terra, constatando que o industrial Wicander preveniu os corticeiros ao seu serviço de que iria baixá-lhes 10 % nos seus salários.

A assembleia resolveu prestar a sua inteira solidariedade a aqueles camaradas no seu protesto contra as pretensões do industrial referido. — E.

### Inconsciência de alguns corticeiros de Évora

EVORA, 22. — Acaba de revelar-se em toda a sua crueza a miséria moral de alguns operários corticeiros da especialidade de quadradores e traçadores.

Quando a organização federativa afirmava que só consentiria uma baixa de salários na indústria quando ela fosse convencional da entre a federação respectiva e a organização patronal, a atitude de alguns operários traduz tudo quanto há de mais revoltante para a consciência operária.

E rápida a história.

A crise de trabalho produziu ali, aliás como em todo o país, as suas naturais consequências.

Conseguiu-se nesta cidade, devido aos esforços da organização operária que um número razoável de «homeurs» fosse empregada na construção da linha férrea que liga Évora a Reguengos, a fim da crise ser atenuada.

Alguns corticeiros, desprezando este trabalho aceitaram, todavia, um outro humilhante. Entregando-se aos desígnios rasteiros do patronato traíram todas as resoluções tomadas aceitando uma baixa de salários superior a 20 %.

Só a linha de decência deste jornal nos impede de denunciarmos os seus nomes para que a classe corticeira os conheça.

A natural repercussão não deve tardar a surtir o seu efeito, com a baixa de salários noutras casas que já se ameaça.

Contra tal pobreza de carácter o proletariado organizado deve levantar-se impondo o respeito pelas realidades conquistadas com o seu hercúleo esforço. — E.

### Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

#### AVISO AO PUBLICO

Venda em leilão de uma porção de lenha

Faz-se público que, no dia 28 de Fevereiro pelas 12 horas e na estação de Vila Real, proceder-se-á à venda em hasta pública, em harmonia com os regulamentos, de uma porção de lenha de azinho com o peso aproximado de 3.100 quilogramas que constitui a remessa de P. V. N.º 3663 de Panoias a Vila Real.

A arrematação será feita a quem maior lance oferecer sobre a base de licitação de 150\$00.

Lisboa, 19 de Fevereiro de 1925. — Pelo Engenheiro Chefe do Serviço do Movimento Tráfego e Reclamações. — (a) Clemente da Silva.

### Castro Simões

RELOJEIRO

RUA DO CAPELÃO, 40, 2.º D.

## INTERESSES DE CLASSE

### Funcionalismo Público

Ao que parece, o grito de alarme que ultimamente aqui soou, referente à situação dos indivíduos dependentes dos serviços da Província Central da Assistência, que têm o seu diploma de funções públicas assinado apenas pelos chefes de serviço ou pelo provedor, teve o condão de ser lido e até discutido, por uma grande parte daqueles a quem o dirigiu; discussão da qual resultou ao que nos informam a elaboração duma reclamação que dentro em pouco será entregue a quem de direito pode e deve intervir no assunto. Não sei, quais os resultados para os interessados da entrega da referida reclamação, mas, atendendo ao facto, do actual provedor ser criatura que tem no seu programa a máxima protecção aos humildes, de querer é, que tenha a solução das causas justas e sinceras, tanto mais, que ela não visa a conseguir um favor ou a mendigar uma ilegalidade, apenas pretende o reconhecimento duma situação, que só devido a um lamentável equívoco ou demasiada vaidade, se pôde tornar indecisa e duvidosa, (a situação de empregados do quadro) e mais nada!

Poderá parecer a muitos e muito principalmente a aqueles que costumam medir a competência e os processos dos outros pelos seus, que o brado de alerta, que soou em defeito dos que comtoda a justificada razão julgava em perigo e em risco de sofrerem os resultados duma asneira que não cometeram muito embora tivessem deixado cometer aos outros, foi um brado inoportuno e ignorante e caso interessante, nesse sentido até um dos felizardos que pontifica e dá cartas numa das dependências a que me reporto, embora sujeito aos resultados duma sindicância que pelos vistos nunca mais anda, e como tal deve estar afastado do serviço, se permitiu a liberdade de bordar as mais disparatadas considerações, mas a esses, direi, que se a informações prestadas não é exacta e inteira expressão da verdade, apenas um caminho lhe resta e indicado pela lei da imprensa, mas não, pois os fins que eles pretendem atingir são outros e por demais se conhecem, mas de espaço e de perto falaremos, tanto mais que há que destruir, uma vez que enquanto uns falam por ignorância e comodismo outros o fazem por má fé e acinte.

Todas as informações aqui prestadas são com base e fundamento e embora elas muita vez não agradem a dirigentes ou dirigidos, nem por isso a caneta se torce ou a verdade se esconde.

A maioria dos indivíduos que fazem parte do chamado funcionalismo, é certo que nem sempre estão à altura do papel que lhe confiam, mas disso osamos afirmar apenas a péssima e detestável organização de serviços é culpada, uma vez, que em lugar de ser a competência e a inteligência o factor principal que deve actuar na entrada dos indivíduos nos lugares que só competência e cultura exigem, é a política torpe e vesga que ali os coloca e aguenta, assim que admirar que da complicada máquina burocrática façam parte criatura vindas das mais rudes e diversas profissões, e que estas por vezes queiram confundir aqueles que um direito próprio conquistaram o seu lugar e como tal se querem impor aos desmandos do próprio Estado? Nada, absolutamente nada!

Existe uma necessidade inadiável, da restante parte do funcionalismo, daquele funcionalismo que nada deve ao favor dos políticos ou aos caprichos do acaso, reagir contra uma situação que o vexa e deprime, mas daí a essa reacção se dar vai uma distância colossal e oxalá não fosse, pois só devido a ela se dá o facto do funcionalismo se fizesse parte duma classe privilegiada se ter ainda à pouco aliado da significativa manifestação a Belém deixando-se ficar comodamente refestelado nas repartições públicas, que as ovelhas ranhosas das «forças vivas» dizem e teimam em apresentar como fábricas de sono e oficina de mandrária.

Só devido a ela se constata o facto, de enquanto lá fora na França, Alemanha e Tcheco-Slováquia, o funcionalismo se agita e reúne em grandes congressos, aqui dentro apenas discute política e distrair a fome pelos cafés e cinemas. Como só devido a ela se deve o facto de todos se julgarem competentes e hábeis se não para fazer pelo menos para criticar os que fazem.

Mais ali dos nulos e dos comodistas no dia em que o funcionalismo despertar, então, com a certeza de que não combatem o Estado pela sua incuria, pela sua inutilidade e até pelos seus desmandos obtendo a confirmação de que os serviços do referido estado pouco mais têm sido, que uma grande gamela onde se tem refestelado e que de futuro só os necessários e os trabalhadores prestam serviço à colectividade, e até lá a aos poucos os interessados que se meçam e os felizardos que se aproveitem, pois dêles como dos audaciosos a quem a política livrou de apuros e de antigas profissões é o momento!

PAULO EMILIO.

### Reorganização de serviços municipais

O Tribunal da Relação em sua sessão de 21 do corrente, confirmou a sentença dada pela autoria administrativa, acerca da legalidade da Reorganização de Serviços Municipais aprovada pela vereação.

O Grémio dos Funcionários do Município de Lisboa mais uma vez torna publico que foram absolutamente inexactas as declarações produzidas pelo sr. Alexandre Ferreira, na sessão do Senado Municipal de 13 do corrente, onde aquele senhor afirmou que aquele tribunal se havia pronunciado contrariamente aos desejos justíssimos dos mesmos funcionários.

### LER E ASSINAR

## Os Mistérios do Povo

Quereis fazer uma ideia do que seja a actual crise do país e a maneira prática de a resolver, sob o seu aspecto financeiro?

Lêde as Edições SPARTACUS o livro «A Crise Económica»

seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz.

Preço \$250. A venda nas livrarias e na administração de A Batalha.

## Vida Sindical

### CONVOCAÇÕES

PARA DIAS PRÓXIMOS:  
Impressores Tipográficos — A direcção amanhã, às 21 horas.

### SINDICATOS DA PROVÍNCIA

Descarregadores de Mar e Terra do Seixal — Reuniu esta classe em assembleia geral resolvendo fixar a cota em \$500 escudos mensais por associado.

Apreciando o peso de volumes verificados na fábrica Mundet se têm carregado fardos cujo peso é superior às forças humanas, isto quando aquele sr. se comprometeu em que os seus volumes não iriam além de 60 a 68 quilos.

Por se ter carregado fardos com mais de 100 quilos, esta classe reunida, resolveu que todos os volumes com mais de 70 quilos, sejam pagos ao preço de tonelagem existente na mesma casa, protestando-se contra um empregado da casa Mundet chamado António João.

Sindicato Único da Classe Metalúrgica de Évora — Reuniu a assembleia no dia 16 do corrente para nomeação da nova comissão administrativa para o exercício de 1925, sendo eleitos os seguintes camaradas:

Elias Gregório, secretário geral; Ernesto Silva, adjunto; Salvador Almeida, administrativo; Francisco Mateus Santos, arquivista; João da Silva Murteira, tesoureiro; Francisco de Sousa e Bernardino Paiva, vogais. A nova comissão administrativa ao tomar posse, saída a Batalha e a organização sindical revolucionária internacional.

Associação de classe dos Barqueiros e Fragateiros do Rio Douro — Os novos corpos gerentes deste sindicato ao tomarem posse, entre outros assuntos, resolveram saudar toda a organização operária por intermédio de A Batalha saudando também a F. M. e C. G. T. pela campanha que encetaram contra as «forças vivas».

No acto da posse foi aprovado por unanimidade um protesto contra a forma como se dirigiu durante o exercício de 1924 a direcção transacta e em especial o presidente, que nem possuiu de novo direcção.

A direcção que tomou posse é composta dos seguintes:

Presidente, Alvaro da Silva; vice-presidente, Júlio Rodrigues; Secretários, Joaquim Rodrigo d'Oliveira e Isoline da Silva Almeida, tesoureiro, Aurélio da Silva; vogais, Mário Ramos e João Gomes Leite Júnior. Conselho fiscal, P. Fernando Mesquita, Joaquim da Silva Ribeiro e José Lobão.

### JUVENITUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa — Reuniu quarta-feira a comissão organizadora da conferência. Secção dos Empregados no Comércio. — Reuniu hoje, pelas 21 horas, a Comissão Executiva.

Núcleo de Faro. — Reuniu a assembleia geral no dia 19 do corrente, para tratar do relatório apresentado por um delegado deste Núcleo em missão de propaganda a S. Braz de Alportel.

Foi resolvido activar uma forte propaganda nessa localidade porquanto o delegado constatou ser necessário para a reorganização do Núcleo da Juventude Sindicalista, aspiração dos jovens dessa localidade. Mais ficou resolvido antes de pôr em prática esses trabalhos, dar conhecimento à Federação das Juventudes Sindicalistas. Foi também aprovado um energético protesto contra todas as ditaduras e reacção internacional, protestando também contra a condenação iníqua e injusta de Manuel Ramos.

### PROPAGANDA SINDICAL

## Nas linhas ferroviárias da Companhia Portuguesa

Em Ovar reuniram os ferroviários daquela área, em 18 do corrente, pelas 19 horas. Presidiu à sessão João do Vale, secretário por José Beja dos Santos e António Martins. Os delegados da sede fizeram ver a grande necessidade de robustecer o sindicato, sintetizando a maneira como se devem desenvolver os trabalhos associativos, para o que a classe terá que corresponder, dando todo o seu apoio aos esforços que se empreguem. Procedendo-se à eleição dos corpos gerentes da delegação, foram nomeados: João do Vale, secretário administrativo; João Beja dos Santos, secretário adjunto; Alfredo Alonso, tesoureiro; Joaquim de Freitas e Raul Soares Fais, vogais. João do Vale agradece a prova de confiança das camaradas mas que, para exercer o seu cargo necessitará do concurso de todos os camaradas, sem o que ficará inútil o seu esforço. António Rodrigues Ceiteira, secretário administrativo demissionário, afirma o seu amor pelo sindicato e faz um apelo aos ferroviários para que se filiem todos no seu organismo de classe, sendo muito aplaudido. José Beja dos Santos fala igualmente com entusiasmo, aconselhando os ferroviários a tomar o lugar que lhes está destinado dentro do sindicato. Falaram ainda outros camaradas, acentuando todos a forma do desenvolvimento da classe. A sessão terminou às 22 horas, com a aprovação de uma moção de revolta pelas contingências a que os exploradores sujeitam a classe trabalhadora, saltando-se vivas aos ferroviários, ao jornal A Batalha e à organização em geral.

Em 19 do corrente, seguiram os delegados para Alfaiates, onde se reuniram igualmente, na respectiva delegação, os ferroviários dali, sendo eleitos para os corpos gerentes da mesma Reginaldo Pereira Camoesas, secretário administrativo; João dos Santos, secretário adjunto; Manuel Simões, secretário tesoureiro; Manuel Lopes e António de Carvalho vogais.

Cumprido o itinerário da sua missão de propaganda, regressaram a Lisboa os delegados do Sindicato, confiados que os camaradas da linha, não se esquecerão das afirmações feitas, a fim de que possamos acompanhar nas lutas de classe os trabalhadores organizados.

### Ler o Suplemento de A BATALHA